

VII jornadas de Psicologia e Cuidados de Saúde Primários

COVID(S): Visões panorâmicas e Paladas – IMPRESSIONS ON...

Conferência: “A Erosão da lógica e dos cumprimentos”<sup>i</sup>

João Carlos Vaz Furtado<sup>ii</sup>

Olá, Boa a tarde a todos, obrigado C. pela apresentação e começo por dizer que estou muito entusiasmado em participar nestas VIII Jornadas de Psicologia e Cuidados de Saúde Primários. Como devem ter visto o título da minha conferência sugerida para este encontro é “Erosão da lógica e dos cumprimentos.”

Este é um tema muito complexo, desafiante, interessante e passível de muitas interpretações. A minha reflexão tem como ponto de partida a psicologia analítica, será a partir de sua perspectiva que procurarei explorar e compreender este tema proposto.

Isso também quer dizer que a minha prática clínica, estudos e aprofundamentos teóricos estão alinhados a Psicologia Analítica. Digo isso, porque particularmente para a psicologia analítica e, igualmente a psicoterapia, está mais interessada em construir uma psicologia pela linguagem simbólica, assim como por suas imagens.

No entanto, como este é um tema muito complexo e abstrato, eventualmente e minimamente terei de recorrer a discussão conceitual.

Durante as preliminares desta conferência tive de buscar referências que me incentivassem para encontrar um meio de acesso aos símbolos. Entre as principais referências selecionei duas obras de Nise da Silveira: o Mundo das Imagens e Imagens do Inconsciente, o texto “Ensinar o que não se sabe” de Rubem Alves, presente em seu livro “A alegria de ensinar”, assim como um trecho do seu texto “Ostras felizes não fazem pérolas”. Finalmente, para complementar esta apresentação busquei diversas reflexões de ideias e leituras, tais como: Heráclito, Irvin Yalom, Carl Jung, Freud, Nietzsche, James Hillman, Junito Brandão, Carlos Byington, assim como minhas experiências no contexto clínico.

Esta conferência está organizada em três partes, na primeira parte conto a história e o trabalho de Nise da Silveira, uma ovelha desgarrada. Nesta primeira parte ainda aprofundo a importância do uso de imagens no contexto terapêutico. Na Segunda parte

utilizo um texto de Rubem Alves Ensinar o que não se sabe, a fim de promover uma tentativa de também desgarrar nossas consciências com eventuais aprendizagens que nos amarram e não nos permitem pensarmos por nós próprios, aqui também uma tentativa de valorizar o método analítico de intervenção terapêutica e, por fim, na terceira parte discuto a hipótese da cisão da psique e de logos e a possibilidade de reunião a fim de formar uma verdadeira psico-logos.

Para começar então gostaria de citar uma epígrafe:

“Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas. É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.”

Vamos começar:

Erosão é uma imagem que sugere alguma dinâmica, resultante de alguma atividade interativa. Por exemplo, a erosão da terra e a relação com o clima, erosão da pele e sua relação de atrito com o meio exterior, a erosão dentária e a relação do atrito entre os dentes, a erosão profissional e a relação com as exigências de continua atualização, a erosão psicológica e a sua relação com o impacto do meio externo, sobretudo se este se apresentar corrosivo.

Esta última situação, em especial é que nos iremos debruçar, interessa-nos a relação psicológica, que neste caso podem ser sintetizadas por uma relação entre as suas polaridades e a psicodinâmica resultante deste processo para o desenvolvimento psíquico, de um lado a interação com o meio, mas também a interação intrapsíquica, estabelecida na relação da consciência e o inconsciente.

Esta psico-lógica, pressupõe a não separação do sujeito em psique e logos. A não ser que seja para relacioná-los.

Em princípio, o psiquismo do sujeito em sofrimento mental não corresponde a lógica cartesiana (dicotomia psique e logos), que pressupõe um funcionamento psíquico análogo às lógicas mecanicistas, cuja hierarquia cerebral pressupõe o poder e o comando das emoções, e em seu extremo tudo tem uma explicação bioquímica, orgânica.

Mesmo assim podemos sempre duvidar: será que ainda há espaço para a psique num mundo onde as narrativas neurocientíficas se propagam? Será que podemos reduzir o sofrimento psíquico a perspectiva do desequilíbrio químico no cérebro?

Como sabemos, maioritariamente a lógica dos métodos de tratamento tem a finalidade de intervir na ‘mecânica’ cerebral, a fim de controlar os sintomas, não necessariamente curando as pessoas.

Antonin Artaud, artista, louco, aquele que escreveu Carta aos médicos-chefes dos manicómios, proferiu esta frase: “Eu sou louco e não doente mental.”

Talvez a loucura não deva ser curada demais.

Revemos a epígrafe de Nise da Silveira:

“Não se curem além da conta...”

Provavelmente Nise foi uma ovelha pioneira que desgarrou desse rebanho, toda a sua trajetória indica essa rebeldia. Formou-se em medicina no início do século XX, única mulher numa turma de mais de 140 homens, após a morte de seu pai, viaja para o Rio de Janeiro para trabalhar como psiquiatra no hospital público. Mais tarde é denunciada como comunista e é presa, perde seu direito de exercer e cumprir com seu dever profissional.

Só mais tarde, após o fim do regime ditatorial pode reingressar ao seu trabalho. Quando retorna estava em voga os tratamentos como eletrochoque, cirurgia e a coma insulínico.

Não consegue aceitar este método de tratamento é dá início a uma outra abordagem, onde as pessoas podiam comunicarem-se livremente através de técnicas expressivas.

Médica psiquiatra e reconhecida atualmente como patrona da saúde mental no Brasil, dá início na década de 40 a uma atividade impar no atendimento aos doentes internados no hospital psiquiátrico. Ela foi uma das pioneiras nas tentativas de transformar este modelo de intervenção assente de forma unilateral na perspectiva biomédica, e neste caso a valorizar muito mais os fatores interpessoais, sociais e culturais, mas sobretudo, a interioridade psíquica.

Seu método preconizava a expressão livre do sintoma (neste caso o sintoma passa a ter um valor e um significado psíquico) e a comunicação não-verbal.

Começou a reparar que este método fortalecia o ego, aumentava o relacionamento social e a adaptação ao mundo exterior de pacientes com diagnóstico de esquizofrenia, cujo prognóstico até então não era nada otimista.

Observou que as atividades que se destacavam entre estes pacientes eram a pintura e a modelagem. Através da análise da série de imagens começou a compreender o mundo interno do paciente esquizofrénico, até então hermeticamente fechado.

Estabeleceu conexões entre as imagens emergentes do inconsciente com a situação emocional vivida pelo indivíduo, e ao estudar a série de imagens produzidas por seus pacientes, observou que era comum a repetição dos motivos com significações e paralelos com os temas míticos.

Esta experiência piloto em contexto de Hospital psiquiátrico foi extremamente importante para a psicologia analítica, pois ela pode comprovar alguns conceitos elaborados por Jung que a comunidade científica tinha alguma dificuldade em aceitar.

Nise refere que quando eles pintavam ou modelavam davam “Forma as emoções tumultuosas, despontencializando-as, e objetivavam forças autocurativas que se moviam em direção a consciência, isto é, a realidade.”

Demonstrou que o afeto é catalisador para o desenvolvimento da criatividade, produzindo efeitos terapêuticos na autorregulação psíquica (ela também foi pioneira na utilização de co-terapeutas animais como forma de aumentar o afeto)<sup>1</sup>.

A meta deste método é reabilitação do indivíduo para a comunidade e como medida preventiva a psicoterapia continua da atividade expressiva.

As imagens produzidas por seus pacientes estão reunidas no Museu de Imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro, cujo acervo é composto por mais de 300.000 mil obras, organizadas e catalogadas, cuja pesquisa interdisciplinar pode ser acedida e estudada.

---

<sup>1</sup> Em seu livro ‘O mundo das Imagens’, ela cita há um exemplo do psicanalista Corson da Universidade de Ohio. Sonny, após um longo estado de catatonia sem responder aos fármacos, utilizam o cão Arwyn, ele logo lambe a face de Sonny que finalmente exprime um sorriso e pergunta se pode ficar com ele, salta do leito e corre atrás do cão, progressivamente recupera-se e tem alta. Realta também um experimento realizado no hospital americano entre duas enfermarias idênticas, onde numa delas utilizam os animais como co-terapeutas, o resultado demonstrou que naquela que não tinham animais houve o dobro de consumo de fármacos.

Se as imagens são tão importantes para o processo terapêutico, temos que nos perguntar então o que é a imagem?

De acordo com a psicologia analítica a imagem é um produto natural da função imaginativa do inconsciente, é a expressão da situação do consciente e o inconsciente, ativadas por experiências vividas pelo indivíduo.

A sua observação constatou que estas imagens estão configuradas em disposições herdadas da psique, as imagens arquetípicas, que são ricas em arcaísmos e motivos mitológicos reativados pela situação presente daquele que as visualiza ou sonha.

Para Nise “não existe uma depuração completa do imaginário dentro do pensamento lógico”. A lógica pura gera a insensibilidade mental, e isso sim a doença mental.

Para o filósofo Gaston Bachelard a imaginação cumpre o seu papel central, mais do que a percepção. Para ele imaginar é lançar-se a uma vida nova, renovar a vida psíquica, revitaliza-la. A mobilidade da imagem é uma força dinâmica criativa. “A imagem existe antes do pensamento.”

E todos sabemos o quão é importante a imaginação nas fases iniciais de uma ideia científica.

Mas, como também sabemos elas podem aprisionar o ego, reparem o que Fernando Dinis, um dos pacientes de Nise descreve: “Mudei para o mundo das imagens, mudou a alma para outra coisa, as imagens tomam a alma da pessoa.”

Reparem que com a pandemia, o recurso a imagem foi uma das atividades mais centrais de nossas rotinas, seja no teletrabalho, na manutenção das relações sociais e afetivas, no vício, no entretenimento, na solidão.

Temos em nossos gabinetes muitas pessoas a sofrerem por também estarem confinadas no mundo virtual das imagens, como é o aumento de jovens reclusos em seus quartos.

Mesmo quando a erosão da lógica deixa de cumprir com sua utilização, e deixa de ser capaz de expressar pela linguagem verbal, a psique permanece viva nas imagens. Portanto, não é sensato reduzir a imagem a um véu que por detrás dela está a disfarçar algo de natureza reprimida, onde o que importam são as recordações verbais.

Temos de questionar a premissa sustentada apenas na lógica verbal, afinal se os pacientes naturalmente se expressam pelas imagens (como as crianças, adolescentes e alguns

adultos), porque depois temos de traduzir pela lógica verbal, não significa que eventualmente não se faça e não seja até importante fazê-lo. A própria linguagem verbal se assente numa lógica conceitual e abstrata provavelmente não terá efeito sobre o outro, a não ser que consigamos transforma-la em símbolos, imagens...

Importa também compreender que a palavra verbal em sua estrutura sintática lógica não é a única forma de comunicação, e nem a única maneira de tornar consciente conteúdos inconscientes e potenciar a transformação psicológica.

Sabemos que as abordagens terapêuticas tradicionais se circunscrevem a lógica baseada nas interações verbais entre o terapeuta e o paciente, mas cada vez mais observo a tendência crescente em valorizar a expressão não-verbal, onde envolva a experiência direta, como exemplo, o psicodrama, o sandplay, e todo o conjunto de técnicas não-verbais que podemos identificar como técnicas expressivas.

Não seria isto uma psicologia centrada nos aspectos primários da comunicação terapêutica?

Para Jung a natureza da psique é configurar imagens: “As imagens simbólicas, com suas múltiplas faces, exprimem os processos psíquicos de modo mais preciso e muito claramente que o mais claro dos conceitos. O símbolo não só transmite a visualização dos processos psíquicos, mas também, e isso é importante, a re-experiência desses processos.” Talvez devêssemos seguir o conselho de Jung: pintar o que vemos dentro de nós...

De acordo com a experiência realizada na Universidade de Liverpool, onde monitoraram o funcionamento do cérebro, observaram que os sujeitos que liam textos coloquiais tinham conexões cerebrais diferentes daqueles que leram poesia. Estes sujeitos apresentaram uma maior conectividade com diferentes áreas do cérebro. Será porque a poesia ativa a imaginação? E se assim for, será a imaginação com uma amplitude conectiva maior do que somente a lógica racional?

Para James Hillman ‘o que fabrica a loucura é o literalismo’.

Logo, as imagens, sejam elas quais forem, não são psico-pato-lógicas, o sofrimento advém da dissociação e a erosão do ego de controlar o inconsciente, ou melhor, de se relacionar com ele e compreender as compensações psico- lógicas, até porque as imagens cumprem sua função de regulação psíquica.

“Essas imagens são auto-representações de transformações energéticas que obedecem a leis específicas e seguem uma direção definida.” Nise da Silveira

Num estudo de caso que realizei com a técnica do sandplay também pude comprovar este princípio. Os cenários construídos indicavam um desenvolvimento, e a medida que os mesmos se desenvolviam, também se desenvolvia a capacidade lógica de compreensão simbólica e verbal. Portanto, não significa que partir das imagens seja excluir a linguagem, mas relaciona-la.

Por fim, concluo esta primeira etapa da conferência com uma citação de Sechehaye:

“Quando explico, de modo verbal, o simbólico de seus pensamentos e de seus sintomas e tento traduzi-los em termos racionais, não me compreendem..., é como se fosse chinês. Em lugar de convencer e acalmar, minhas eruditas interpretações perturbavam e exasperavam. Deduzi que não falamos a mesma língua, era, pois, necessário falar sua língua e não mais a minha.”

Esta última conclusão de Sechehaye é uma ótima deixa para ligar ao próximo tópico desta conferência através do texto de Rubem Alves: Ensinar o que não se sabe.

Desaprender para podermos avançar com outras possibilidades de rever a psicologia e a psicoterapia.

Neste texto Rubem Alves começa por descrever uma situação em que o Mestre pega o discípulo pela mão e o leva até o alto da montanha. O cenário é constituído assim: na direção do nascente, se veem vales, caminhos, florestas, riachos, planícies ermas, aldeias e cidades. Tudo brilha sob a luz clara do sol que acaba de surgir no horizonte.

Este primeiro cenário dá-nos muitas imagens, a relação assimétrica mestre e aprendiz, pegar pela mão e conduzir, e a paisagem repleta de luz, natureza e a vida com todo o seu potencial. (nascer das coisas, o caminho aberto do futuro, fertilidade, o desenvolvimento das coisas, o futuro e quem sabe a ilusão do infinito).

Então o Mestre se dirige ao seu discípulo e fala:

“Por todos estes caminhos já andamos. Ensinei-lhe aquilo que sei, já não há surpresas. Nestes cenários conhecidos moram os homens. Também eles foram meus discípulos! Dei-lhes o meu saber e eles aprenderam as minhas lições. Constroem casas, abrem estradas,

plantam campos, geram filhos.... Vivem a boa vida cotidiana, com suas alegrias e tristezas. Veja estes mapas!”

O mestre então abre os mapas dos céus, das terras, do corpo e da alma, e doa os mesmos ao seu discípulo como sua herança, seu legado, demonstrando agora que o futuro é uma terra firme, conhecida, onde podemos andar com confiança e sem medo.

No entanto, o mestre não se contém e procura no jovem discípulo prenúncios de asas, asas que ele imaginara haver visto como sonho, dentro dos seus olhos, pois para o Mestre todos os homens são seres alados por nascimento, e que só se esquecem da vocação pelas alturas quando enfeitados pelo conhecimento das coisas já sabidas.

Lembrei da música de Milton Nascimento “Clube da esquina”:

Porque se chamava moço

Também se chamava estrada

Viagem de ventania

Nem se lembra se olhou pra trás

Ao primeiro passo, asso, asso

Asso, asso, asso, asso, asso, asso

Porque se chamavam homens

Também se chamavam sonhos

E sonhos não envelhecem...

O mestre ensinou o que sabia e chegou a hora de ensinar o que não se sabe: o desconhecido.

Neste momento do texto as imagens são outras: o mar imenso e escuro, onde a luz do sol ainda não chegou.

Alves recorre a poesia, pois provavelmente a linguagem racional não é suficiente para captar com profundidade este pensamento e passa a citar Cecília Meireles: “É este o seu destino. Os poetas o têm sabido desde sempre: A solidez, da terra, monótona, parece-nos fraca ilusão. Queremos a ilusão do grande mar, multiplicada em suas malhas de perigo (Cecília Meireles).



Ainda sobre a imagem do mar e sua relação com o mistério e o desconhecido passa a citar o filósofo Nietzsche:

“É preciso navegar. Deixando atrás as terras e os portos dos nossos pais e avós, nossos navios têm de buscar a terra dos nossos filhos e netos, ainda não vista, desconhecida.” (Nietzsche).

Para esta aventura ao desconhecido, os diplomas e todo o saber aprendido são inúteis, a única coisa que a pessoa tem para navegar rumo ao desconhecido são os sonhos, estes deverão ser os novos mapas, onde terá de ser construído um novo saber a partir dos mesmos.

Vejam as próximas palavras e como as imagens traduzem tão bem estes pensamentos:

“O seu saber é um pássaro engaiolado, que pula de poleiro a poleiro, e que você leva para onde quer. Mas dos sonhos saem pássaros selvagens, que nenhuma educação pode domesticar. Meu saber o ensinou a andar por caminhos sólidos. Indiquei-lhe as pedras firmes, onde você poderá colocar os seus pés, sem medo. Mas o que fazer quando se tem de caminhar por um rio saltando de pedra em pedra, cada pedra uma incógnita? Ah! Como são diferentes o corpo movido pelo sonho, do corpo movido pelas certezas.”

Por fim ele encerra seu texto, de acordo com minha interpretação, com uma crítica a forma como somos educados, em que não nos ensinam a pensar por nós próprios, mas a recorrer ao saber como na imagem escolhida para estas jornadas, ovelhas obedientes presas por um laço:

“Até agora eu o ensinei a marchar. É isto que se ensina nas escolas. Caminhar com passos firmes. Não saltar nunca sobre o vazio. Nada dizer que não esteja construído sobre sólidos fundamentos. Mas, com o aprendizado do rigor, você desaprendeu o fascínio do ousar. E até desaprendeu mesmo a arte de falar...”, e a seguir acrescenta: “Também as escolas e universidades têm os seus papas, seus dogmas, suas ortodoxias. O segredo do sucesso na carreira acadêmica? Jogar bem a tudo o que seu mestre mandar... Agora o que desejo é que você aprenda a dançar...para se aprender a pensar é preciso primeiro aprender a dançar. Quem dança com as ideias descobre que pensar é alegria. Se pensar lhe dá’ tristeza é porque você só sabe marchar, como soldados em ordem unida. Saltar sobre o vazio, pular de pico em pico. Não ter medo da queda. Foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham. Todo conhecimento

começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra.”

Para Hillman a alma (aqui também traduzida por psique) é o alvo da flecha, o material combustível do fogo, o labirinto no qual ela dança.”.

Então o que significará dançar?

Deixem-me contar uma rápida vinheta clínica na tentativa de ilustrar esta metáfora.

Trata-se de um atendimento a uma adolescente de treze anos. Neste dia em questão, ela elaborou um cenário na caixa de areia, em silêncio.

A imagem retrata um cenário em que as bruxas estão a fazer uma espécie de ritual, magia, dentro de um círculo mágico, e de acordo com sua imaginação, elas se surpreenderam com o surgimento do dragão. No centro deste círculo há uma pequena árvore e uma outra pedra. Para ela cada pedra tem um significado anímico.

Conversamos espontaneamente um pouco a propósito desta imagem, e ela de repente relata que há mais de um mês tem controlado um dos sintomas que a trouxe a terapia, e acrescenta que este comportamento sintomático (acting out) era, segundo a própria, uma forma de aliviar o sofrimento psíquico.

Há um instante de silêncio e a seguir faço eco: sofrimento psicológico... ela então responde que o seu sofrimento psíquico é porque para si viver ou morrer é indiferente, isso porque a partir do momento que o mundo perdeu a magia, deixou de ter significado, sentido.

Após esta consulta fiquei a pensar e perguntei-me: será que deixamos de ensinar as futuras gerações a dançar? Será que reduzimos os atos, gestos, maneirismos, a mímica e toda a expressão corporal a dimensão psico-pato-lógica?

Será que desaprendemos que as expressões das emoções antecedem a palavra e são traduzidas pelo corpo?

O homem primitivo, cuja linguagem verbal e racional ainda não estava desenvolvida, dançava na alegria, no sofrimento, no amor, no amanhecer, na morte e no nascimento.

Dançar é universal, essencial a vida, é uma linguagem corporal, revela conteúdos primordiais da nossa psique.

Será que em nossos tempos estamos a impor uma lógica desenvolvimental mecanizada, sem melodia e compasso?

Agora imaginem o que é um mundo sem dança, ou seja, sem ritmo, melodia e compasso. Provavelmente seria um caos.

A vida é uma interação e tensão constante, permanente. E a vitalidade é isso: o pulsar do fluxo sanguíneo, o batimento cardíaco, o metabolismo celular, os movimentos celestes, tudo em movimento...

“O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia. Só o que está morto não muda!” Clarice Lispector

Charles Chaplin, que teve sua mãe internada em hospital psiquiátrico, relata assim em sua biografia:

“Sem minha mãe, acho que jamais teria me saído bem na pantomina. Ela possuía a mímica mais notável que já vi. Às vezes, ficava durante horas à janela, olhando para a rua e reproduzindo com as mãos, os olhos e a expressão de sua fisionomia, tudo o que se passava lá embaixo. E foi observando-a que aprendi a traduzir as emoções com as minhas mãos e o meu rosto, mas sobretudo a estudar o homem.”

O cenário da adolescente, no entanto, não se consegue reduzi-lo a uma explicação meramente intelectual. Sem a imaginação a dançar não conseguimos amplificar outros significados.

Em minha interpretação este cenário retrata uma dança, um movimento natural da psique, neste caso, a separação da mãe e a possibilidade de encontro com o desconhecido, representado pela serpente, o dragão ou o monstro.

O conflito resultante deste processo de diferenciação da personalidade, como a consciência e o inconsciente, é básico no desenvolvimento, a desilusão leva-nos a consciência da ambivalência da vida, e esta ao desenvolvimento da consciência.

E isto também não seria uma dança?

A consciência por sua vez começa a se sentir atraída por logos, pelo conhecimento, deseja abraça-lo, é provavelmente isto que torna o ego ativo e o centro de si mesmo, ele deseja o conhecimento, o poder, muitas vezes até se identificando com esse logos, com sua sede na cabeça, no cérebro, na razão e no comando.

Então, qual a melhor forma de aprender a dançar?

Lembro de uma história relatada pelo psiquiatra e analista Carlos Byington que ilustra bem esta ideia, tratava-se de um sujeito queria aprender a dançar para melhor namorar.

Resolve então inscrever-se numa escola reconhecida, onde a sua professora com todo o rigor técnico e acadêmico procurou ensinar a dançar. O facto é que não aprendeu como adquiriu uma dor na coluna. Mais tarde, sua namorada apresenta uma outra professora, cujo método era diferente. E do que se tratava, simplesmente ela pedia para ele sentir a música, seguir seu ritmo e imitá-la, foi assim que aprendeu a dançar, no entanto, se aprendeu a namorar melhor isto Byington não conta, mas presume que sim.

Esta pequena história pretende fazer a ligação com a última parte desta conferência, cuja imagem da dança permite-nos refletir a escolha da psique pelo conhecimento e, ao mesmo tempo, a beleza para amar. Na verdade, nossa intenção agora é a reunião, a reconciliação de logos e psique, através de Eros.

Provavelmente qualquer processo terapêutico tem a finalidade da psique se reconciliar consigo mesma, amar a si mesma, transformar a si mesma por Eros.

Não seria então esta conferência a possibilidade da Erosão se transformar em Eros (ão)?

Talvez fosse presunção de minha parte gerar esta expectativa, que no final vocês também imaginasse essa possibilidade, onde no final também fossemos flechados e encantados por Eros. E que esta experiência que aceitamos viver aqui hoje não fosse meramente um cumprimento de um dever rigorosamente assente numa lógica, sem emoção, sem alma...

Vejam a história do psiquiatra e analista junguiano Carlos Byington quando foi flechado pela psicologia analítica, permitam-me também partilhar a narrativa deste ‘encantamento: Byington inicialmente estava a se especializar em cardiologia, e após a perda de um paciente na mesa de cirurgia, em que tudo foi cumprido como deve ser tecnicamente e logicamente, ele tem um sonho que está com o coração de seu paciente nas mãos.

Ao discutir este sonho com seu psicanalista ele toma a decisão de que não quer ser mais cardiologista, mas analista, porque ele se entusiasma com o símbolo, ele é tocado profundamente pela imagem do sonho quando se analisa lhe diz: Carlos esse é o seu coração ferido... A partir daqui, diz ele, sua vida passa a mover-se em direção da psicologia analítica.

No entanto, para por alguma desilusão nesse encantamento temos de reconhecer que há muitos obstáculos para reunir a psico-lógica. Somos constantemente pressionados em alguns cumprimentos que nem sempre estão de acordo com esta psico-lógica, muitas vezes traduzidos pela quantidade de consultas que fazemos, na aplicação rígida de protocolos ou técnicas psicológicas de avaliação e intervenção, no sofrimento mental ser um produto do mercado, das exigências por psicoterapias breves, senão pontual.

Vejam o que diz Irvin Yalom a respeito deste assunto: “Psiquiatras jovens são forçados a se especializarem em psicofarmacologia porque os terceiros pagadores agora reembolsam a psicoterapia somente se for entregue por praticantes baratos (em outras palavras, treinados minimamente). O que dizer dos treinamentos de Psicologia Clínica – a escolha óbvia para preencher esse espaço? Infelizmente, os psicólogos clínicos estão enfrentando as mesmas pressões de mercado, e a maioria das escolas de doutorado estão respondendo por ensinar uma terapia que é orientada-ao-sintoma, breve, e, assim, reembolsável. Por isso me preocupo sobre a psicoterapia — sobre como ela pode ser deformada pelas pressões econômicas e empobrecida por treinamentos radicalmente breves”.

Em a prática da psicoterapia Jung diz que “O tempo é um fator insubstituível no processo de cura...” e, mais adiante explica porque:

“O procedimento é necessariamente muito trabalhoso e demorado. É certo que se fazem muitas tentativas no sentido de abreviar ao máximo a duração do tratamento, mas não se pode afirmar que os resultados tenham sido animadores. Porque quase sempre as neuroses são produtos de uma evolução defeituosa, que demorou anos e anos para se formar, e não existe processo curto e intensivo que a corrija” (idem, Jung).

Será que em nossas formações o método de ensino para ser psicólogos, psicoterapeutas não é semelhante a experiência de dançar que levou a dor na coluna, sem compasso, sem ritmo, sem emoção e alma?

A imagem que recorri na tentativa de re-ligar a psique ao logos foi através de Eros, o princípio de amor. Esta perspectiva simbólica não indica uma polarização de conflito entre a psique e logos, mas um bailado. Reparem na palavra símbolo, sim é junto/perto e bolos é bailar.

É curioso que quando reparei no título da conferência, imaginei de forma implícita que a palavra Erosão poderia facilmente ser transformada em Eros (ão), ou seja, Eros em potência.

Em Eros e Psique encontramos uma narrativa em que a Psique é despertada por Eros, significa que o psiquismo necessita de sua atenção amorosa, mas isto não significa que esta amorosidade seja um mar de rosas, Eros não é um querubim bondoso e angelical, neste processo há sofrimento, obstáculos, depressão, vejam como psique definha, deprime, desanima e até tenta se suicidar, mas à medida que desenvolve sua trajetória, no fim através de Eros há finalmente a reunião, o casamento entre a psique e Eros.

Como forma de encerrar esta conferência e a possibilidade desta reunião através de Eros irei partilhar convosco um trecho do livro de Rubem Alves: Ostra feliz não faz pérola.

Este texto ilustra esta perspectiva onde a dor, através de Eros (ão) é capaz de transformar a dor em beleza e em riqueza (logos) psíquica.

Alves começa por ilustrar uma situação onde haviam um conjunto de ostras, todas felizes, todas a cantar a mesma música, no mesmo compasso e melodia. Menos uma...

“Com uma exceção de uma ostra solitária que fazia um solo solitário. Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. As ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. Não era depressão. Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho – por causa da dor que o grão de areia lhe causava.”

Esta ostra, talvez uma ovelha desgarrada, um dia foi pescado por um pescador juntamente com as ostras, prepara uma sopa e de repente seus dentes batem num objeto duro, a pérola.

Neste instante Alves faz uma analogia das ostras e os humanos e, para isso, recorre ao ensaio ‘O nascimento da tragédia grega a partir do espírito da música’ de Nietzsche.

Encerremos esta conferência com esta citação: “observou que os gregos, por oposição aos cristãos, levavam a tragédia a sério. Tragédia era tragédia. Não existia para eles, como existia para os cristãos, um céu onde a tragédia seria transformada em comédia. Ele se perguntou então das razões por que os gregos, sendo dominados por esse sentimento trágico da vida, não sucumbiram ao pessimismo. A resposta que encontrou foi a mesma da ostra que faz uma pérola: eles não se entregaram ao pessimismo porque foram capazes de transformar a tragédia em beleza. A beleza não elimina a tragédia, mas a torna suportável. A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado. Ela se basta. Mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer. Esses são os artistas. Beethoven – como é possível que um homem completamente surdo, no fim da vida, tenha produzido uma obra que canta a alegria? Van Gogh, Cecília Meireles, Fernando Pessoa...

Obrigado pela vossa atenção. Este texto está disponível no site [www.psicologojoaofurtado.com](http://www.psicologojoaofurtado.com)

---

<sup>i</sup> Comunicação apresentada nas VII Jornadas de Psicologia e Cuidados de Saúde Primários. O tema central desta conferência é uma reflexão da prática em psicoterapia, sobretudo, a partir da reunião da psique e de logos através de Eros.

<sup>ii</sup> ] Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde. Especialista em Psicologia Analítica. Psicólogo clínico no Aces Alto Ave.